

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAICON KEHL DE SOUZA

**ENGAJAMENTO E LITERATURA EM JEAN-PAUL SARTRE E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA EM SALA DE AULA**

PARANAGUÁ

2018

MAICON KEHL DE SOUZA

**ENGAJAMENTO E LITERATURA EM JEAN-PAUL SARTRE E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA A EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Orientador(a): Prof(a). Darice Alessandra Deckmann Zanardini.

Coorientador(a): Prof. Wilson de Oliveira.

PARANAGUÁ

2018

Dedico este trabalho a Deus, que sempre foi o autor da minha vida e do meu destino. O meu maior apoio nos momentos difíceis.

“Nunca se é homem enquanto se não encontra alguma coisa pela qual se estaria disposto a morrer”. (MOUTINHO, 1995, p.30)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as possibilidades de uma prática filosófica em sala de aula, a nível de Ensino Médio, com base nas obras literárias de Jean-Paul Sartre. Deste modo, a proposta deve abordar uma metodologia filosófica fundamentada na inserção do conceito de engajamento em Sartre e os desdobramentos éticos a partir do prisma literário deste autor e de sua faceta como escritor. As obras serão usadas como instrumentos metodológicos e as abordagens serão realizadas de modo a salientar a importância da Filosofia deste renomado autor.

Palavras-chave: Didática. Sartre. Literatura. Experiência Filosófica. Engajamento.

ABSTRACT

This work aims to present the possibilities of a philosophical practice in the classroom, at the level of High School, based on the literary works of Jean-Paul Sartre. In this way, the proposal must approach a philosophical methodology based on the insertion of the concept of engagement in Sartre and the ethical unfolding from the literary prism of this author and his facet as a writer. The works will be used as methodological tools and the approaches will be carried out in order to emphasize the importance of the Philosophy of this renowned author.

Keywords: Didactics. Sartre. Literature. Philosophical experience. Engagement.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO.....	11
3. SARTRE E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA.....	14
3.1 O CONCEITO DE ENGAJAMENTO EM SARTRE.....	17
4. O ENSINO DA FILOSOFIA EM JEAN-PAUL SARTRE NO ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS.....	23
5. A LITERATURA EM SARTRE E SUAS POSSIBILIDADES.....	25
6. CONCLUSÃO.....	29
7. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Dizer que a Filosofia tem sua origem fortemente marcada pela fundamentação da *pólis* e pela invenção da democracia é fazer jus à própria história, mas é também fazer a escolha de um significado que gera expectativas, abre caminhos e perspectivas. Assim concebida, a Filosofia assume uma dimensão política, criativa, proponente e realizadora, sem abrir mão da sua identidade enquanto pensamento racional, sistemático, analítico e crítico. Essa é a concepção que inspira as diretrizes do pensamento que será exposto neste trabalho.

O retorno da Filosofia ao Ensino Médio significa um importante reconhecimento dessa disciplina pela sociedade, e isso se dá pela tradição dos seus conteúdos e pelo seu estilo de pensamento. O reconhecimento da sociedade e a própria história da filosofia demandam, necessariamente, uma grande responsabilidade daqueles que promovem seu destino. Por isso, a filosofia precisa de diretrizes, de material bibliográfico específico, e não pode ser entregue nas mãos de pessoas despreparadas, que se valendo de um espontaneísmo didático possam cair em equívocos que comprometem o sentido da disciplina.

Desta forma, é de suma importância iniciarmos esta exposição enfatizando a necessidade da implantação de uma didática em Filosofia que incite no aluno uma série de qualidades, tais como autonomia, consciência crítica, despertar crítico, consciência racional. A necessidade do uso de recursos e métodos que tornam as aulas mais atrativas e que permitam ao discente uma conexão dos conteúdos com a realidade concreta, uma vez que a filosofia se faz como intervenção da realidade, decorrendo disto a sua mudança.

Porém, devemos pontuar anteriormente que é possível pensarmos em posturas didáticas para o ensino da Filosofia de três diferentes modos: eixo histórico, que visa tão somente a transmissão de conhecimentos com base na linha cronológica que permeia a história da Filosofia, destacando os principais autores dentro de seus contextos específicos, não permitindo uma contextualização mais geral e mais abrangente que a disciplina necessita; o eixo temático, que permite recortes dos diferentes temas abordados pela Filosofia ao longo da História, não permitindo uma abrangência mais complexa e universalizante da disciplina, uma vez que a possibilidade de inter-relações fica limitada a autores específicos e à capacidade metodológica proposta; e o eixo problematizador, enfatizado neste trabalho, que,

por sua própria natureza, permite a realização do encontro dos dois eixos anteriores com o eixo didático proposto neste momento. A didática problematizadora possibilita a passagem pela esfera histórica, enfatizando os principais autores e filósofos, pela esfera temática que enfatiza os principais problemas apresentados pela História da Filosofia, incitando a capacidade do discente em apresentar uma autonomia cognitiva e capacidade racional para diagnosticar os problemas atuais e poder intervir sobre eles. Em outras palavras, não é possível pensarmos no ensino da Filosofia sem uma correlação da disciplina com a realidade, destituída do contexto inerente ao século XXI, seus desafios, problemas, perspectivas.

Assim, no âmbito metodológico, é desejável que as aulas de Filosofia proporcionem ao estudante a prática da leitura e da análise de textos filosóficos, da escrita, da argumentação, do debate, da problematização da realidade e da criação de conceitos. As Diretrizes Curriculares de Filosofia do Estado do Paraná nos apresentam algumas características essenciais para pensarmos o âmbito metodológico.

Um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar. Ao definir qual formação se quer proporcionar a esses sujeitos, a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade. Por isso, as reflexões sobre currículo têm, em sua natureza, um forte caráter político. Nestas diretrizes, propõe-se uma reorientação na política curricular com o objetivo de construir uma sociedade justa, onde as oportunidades sejam iguais para todos. (PARANÁ, 2008, p. 14).

Dado o exposto anteriormente, é importante ressaltarmos que o presente trabalho tem como objetivo a constituição de uma didática que permita ao aluno do Ensino Médio a construção de uma verdadeira autonomia crítica, por meio da exposição do filósofo Jean-Paul Sartre e de sua literatura. Não se trata apenas da introdução de aulas meramente expositivas e tradicionais, mas de criar no discente, por meio da introdução da literatura do autor em questão, o senso de autonomia intelectual e a capacidade de investigação. A literatura possui a capacidade de nos transportar para um mundo de ficção e entendemos, neste, problemas reais que nos afetam diretamente no dia a dia.

Falar e escrever é uma ação, e toda ação para Sartre, é uma constituição de um modo de ser no mundo e na forma como este se põe nele. Todo prosador quando se situa a situações da realidade do mundo e dos homens como um espelho crítico, é engajado, por isso o engajamento dar-se através da concretude histórica vivida pelo prosador e seus leitores. “Um ato antes de ser (dito) escrito, é apenas um ato, mas após ser mostrado é preciso fazer algo com esse ato, é preciso assumi-lo, reconhecê-lo, mudá-lo” (MOREIRA, 2012, p. 15). (MEDEIROS; PANTOJA, 2015).

Deste modo, é possível entendermos que a filosofia de Jean-Paul Sartre deve ser pensada como a possibilidade de engajamento político por meio da escrita e por meio da ação propriamente dita; a capacidade de intervenção está intimamente ligada a responsabilidade de cada um em se entender como responsável pela construção do mundo que nos cerca.

O filosofar, como atividade reflexiva própria da Filosofia, procura o ser esparramado na teia do cotidiano urbano, permitindo expressar a humanidade em sua totalidade. Exatamente por este motivo que o presente trabalho procura enfatizar a disseminação de uma Filosofia que permita a análise da realidade atual e a intervenção da mesma com a capacidade adquirida por aulas inovadoras e instigantes. A busca é a construção do caminho que alarga os passos numa direção, quando se sabe por onde se está indo e aonde se quer chegar. Ela persegue a verdade, mesmo se sabendo temporária, passageira e parcial. Qualquer filosofia, como todo conhecimento, há que buscar o conhecimento como horizonte último de sua existência.

Defender a busca como horizonte do filosofar é criar a condição fundadora da possibilidade do ensino de Filosofia. Negar isso ao ser humano é negar a construção de uma existência com sentido num mundo desorientado e incompreendido. Pensar na busca como horizonte significativo da existência humana no mundo remete-nos a outras características do filosofar, tais como a capacidade de dar sentido à existência humana a partir da compreensão da realidade.

Assim, a partir da admiração que nasce do espanto pela realidade, tal como nos pontua muito bem Platão no *Teeteto*, esse trabalho nos traz a possibilidade da construção de aulas mais dinâmicas e atrativas em Filosofia no Ensino Médio, por meio do uso de elementos diversificados de aprendizagem, tais como literatura e arte, para o ensino desta disciplina tão importante para a construção de um mundo mais humano, tal como sustenta o conceito de engajamento em Sartre.

Esse olhar detido sobre as coisas é extremamente “iluminador” e criativo, uma vez que é inspirativo para a leitura do mundo em suas formas de expressão. A criatividade, despertada pela admiração, constitui a intuição originária de um pensar que procura ler a escrita do mundo impressa em suas formas.

2. O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Um dos grandes problemas que a Filosofia enfrenta desde os seus primórdios diz respeito ao modo como o ser humano deve agir, mais precisamente à temática relacionada à ética. Quando falamos em ética, não falamos apenas de teorias, prática, filosofia, teologia, mas também falamos da própria vida. A ética, que estuda os fundamentos do comportamento humano e reflete sobre eles e que postula uma ação para além do *doxa*, é sempre aplicada no nosso dia a dia, no trabalho, na escola, na família, etc. Ela está ligada diretamente ao caráter, à liberdade humana. Teoricamente, é o estudo das ações ou dos costumes, sendo também a própria realização de um tipo de comportamento, como afirma Valls:

Tradicionalmente ela [a ética] é entendida como um estudo ou uma reflexão científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas chamamos de ética a própria vida [...] A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento. (VALLS, 1994, p. 7).

A ética é, portanto, um estudo (teoria) no que se refere à boa conduta humana, do bem e mal, do certo ou errado de acordo com cada costume, comportamento e cultura de cada região. Outra questão importante no que norteia a ética seria o fato de que os costumes mudam com o passar do tempo e o que hoje é aceito pela sociedade, futuramente poderá ser considerado errado. Assim como o que aqui a sociedade considera como errado, outra cultura considera certo conforme seu tempo e contexto.

Para iniciarmos a discussão sobre a ética devemos nos ater ao fato de que os gregos já haviam encontrado uma fundamentação para a ação humana. As teorias idealista e racionalista respectivamente foram muito importantes para a consolidação da democracia na Grécia, uma vez que a reflexão grega surgiu como uma pesquisa sobre a natureza do bem e do mal, na busca de um princípio absoluto de conduta. De acordo com Giovanni Reale, Platão postula bases para uma conduta fundamentada no mundo ideal, mundo este que possui como característica primordial a essência da conduta ideal, em detrimento a um mundo de aparências e meras representações da realidade. A busca pela ação perfeita reflete o ápice da racionalidade filosófica e instrumentalizada, pautada em bases ideais e idealistas. Aristóteles, todavia, propõe uma ética pautada no conceito de justa medida, tendo como plano de fundo a

razão como um instrumento de mediação e controle das ações. Assim, o modelo proposto pela filosofia antiga reflete a busca incessante pelo uso da razão como modelo de ação humana.

Já a Idade Média é um período marcado pela supremacia total da Igreja Católica Apostólica Romana. Sendo assim, a sociedade medieval estava à mercê das determinações da Instituição maior do Cristianismo. As decisões, de um modo geral, teriam que estar em consonância com os mandamentos da Igreja que comandava a sociedade medieval. Assim, todas as produções, as criações e principalmente os valores éticos e morais teriam que ter como base os princípios fundamentais do cristianismo. A Idade Média tem como característica marcante a necessidade de uma reflexão ética baseada em valores da Igreja, na Bíblia e em postulados intitulados como dogmas religiosos. Todavia, é preciso um cuidado muito grande em comermos a conceituar a modernidade em relação ao problema que nos propusemos a apresentar uma vez que a passagem da Idade Média a Idade Moderna não acontece abruptamente, mas sob certas condições específicas que exigiram dos pensadores modernos a utilização de bases antigas, uma vez que o processo de reflexão é contínuo.

Desta forma, a Modernidade apresentou um grande problema para que fosse resolvido neste período histórico tão importante. O surgimento das ciências modernas e as novas postulações no ramo da “ciência” e da filosofia possibilitaram uma nova leitura dos problemas enfrentados pela ética com autores importantes, tais como René Descartes, David Hume e Immanuel Kant. A revolução copernicana e as grandes postulações de Galileu iniciaram uma mudança também na noção de sujeito, uma vez que a racionalidade passa a ser o fundamento moderno. Assim, a racionalidade moderna e o iluminismo trouxeram uma série de promessas e possibilidades que encantaram o cenário filosófico neste período, mas ao mesmo tempo levantaram uma série de desconfianças e obscurantismos que permearam os séculos posteriores.

Em contrapartida, o século XX passou por profundas transformações tornando a discussão sobre a ética um dos grandes problemas do século corrente, uma vez que havia uma tendência natural em considerar o homem como um ser que não deveria responder pelos seus atos, dado que a antropologia encontrara respostas a problemas que envolvem as ações humanas em teorias irracionais. Dentre essas teorias, encontramos, em primeira instância, Charles Darwin, um naturalista britânico que propôs a teoria da evolução biológica por seleção natural. Darwin definiu evolução como "descender com modificações", a ideia de que as espécies mudam ao longo do tempo, dão origem a novas espécies e compartilham um

ancestral comum. O mecanismo que Darwin propôs para a evolução passa a ser a seleção natural. Em razão dos recursos limitados, organismos com características hereditárias que favoreçam a sobrevivência e a reprodução tendem a deixar mais descendentes do que os demais, o que faz com que essas características aumentem em frequência ao longo das gerações. A seleção natural faz com que as populações se tornem adaptadas, ou cada vez mais bem integradas a seus ambientes ao longo do tempo. A seleção natural depende do ambiente e requer a existência de variações genéticas em um grupo. Desta forma, Darwin passa a perceber o ser humano como um animal que sofreu modificações ao longo da espécie, sendo esta característica especial que denominamos racionalidade, meramente uma consequência de adaptações constantes e naturais, decorrendo desta afirmação o seguinte questionamento: Somos responsáveis pelos nossos atos uma vez que agimos intrinsecamente fundamentados e imbuídos pelos instintos? Contudo o problema da ação humana estava muito longe de ser resolvido. Um dos grandes expoentes que abalou as teorias filosóficas sobre a conduta humana foi Sigmund Freud. O criador da psicanálise nasceu na região da Morávia, que então fazia parte do Império Austro-Húngaro, hoje República Tcheca. Freud desenvolveu o que é uma das bases da técnica psicanalítica: a livre associação. O paciente é convidado a falar o que lhe vem à mente para revelar memórias reprimidas causadoras de neuroses. Um dos conceitos mais importantes criados por Freud foi o conceito de inconsciente, justificando que as ações humanas eram decorrentes de vivências experienciadas ao longo da vida. Deste modo, surge a seguinte questão: “Como somos responsáveis pelas nossas ações uma vez que as mesmas são resultados de impulsos inconscientes sob os quais não temos controle?”.

3. SARTRE E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Diante deste cenário contemporâneo, surge a figura excêntrica do filósofo francês Jean-Paul Sartre. O filósofo francês Jean-Paul Sartre nasceu em Paris, em 1905, e faleceu em 1980. Em 1924, iniciou seus estudos universitários na École Normale Supérieure, onde conheceu Simone de Beauvoir (1908-1986), com quem estabeleceu uma relação que duraria toda a sua vida.

A postura filosófica de Sartre se contrapõe à teoria de uma série de autores que defendiam a ideia de que a essência das coisas é anterior à sua existência.

Consideremos um objeto fabricado, como por exemplo um livro ou um corta-papel. Esse objeto foi fabricado por um artesão, que se inspirou em um conceito; ele se referiu ao conceito de corta-papel, e igualmente a uma técnica prévia de produção, que faz parte do conceito, e que é no fundo uma receita. Diremos, portanto, que, no caso do corta-papel, a essência – isto é, o conjunto das receitas e das qualidades que permitem produzi-lo e defini-lo – precede a existência. Assim, a presença diante de mim de tal corta-papel ou de tal livro é determinada. Temos aqui uma visão técnica do mundo, na qual se pode dizer que a produção precede a existência. (SARTRE *in* MARÇAL, 2009, p. 616).

Neste sentido, devemos afirmar que a finalidade do objeto existe mesmo antes de sua criação. A essência precede a existência. A maioria das teorias filosóficas divulgadas antes de Sartre propuseram que, ao nascer, o homem nasce com uma essência pré-determinada e fechada sobre si mesma. O homem nasce, para essas vertentes de pensamento, com valores dados anteriormente, com pressupostos válidos para a ação humana, antes mesmo de se consolidar como existência. Nascemos prontos e acabados, com essências já estabelecidas. O homem primeiro se descobre como um ser possuidor de essência e depois existe para a concretização da proforma.

O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, é encontrada em todos os homens, o que significa dizer que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal, o homem. (SARTRE *in* MARÇAL, 2009, p. 616).

Porém, Sartre apresenta uma ideia completamente diferente deste ideal, uma vez que a característica primária do homem é a possibilidade de escolha. De acordo com Sartre, não

nascemos prontos e acabados, tal como alguns autores haviam postulado anteriormente, mas escolhemos, somos livres e somente depois de nos reconhecermos como seres existentes é que nos concretizamos como seres humanos. Neste sentido, a existência precede a essência. Sartre declara que Deus não existe decorrendo disto que os valores previamente dados também são inexistentes. Ao concebermos um Deus criador devemos conceber, por necessidade, que o homem possui uma natureza humana. Essa natureza humana, que é o conceito humano, é encontrado em todos os homens, o que significa dizer que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal, o homem. Sartre declara, então, que a maioria dos autores anteriores declarou a existência de uma essência. Uma definição universal para um objeto meramente histórico. Todavia, para Sartre o homem é um ser para o qual a liberdade é plena uma vez que a liberdade é um atributo indispensável decorrente da possibilidade da escolha. Mesmo que eu escolha não escolher, em linhas gerais, estamos escolhendo. Obrigatoriamente primeiro existimos e somente depois nos definimos como uma essência que nunca se concretiza como tal.

Se Deus não existe, há pelo menos um ser em que a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, se encontra, surge no mundo, e que se define depois. O homem tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque de início ele não é nada. (SARTRE *in* MARÇAL, 2009, p. 619).

O ser humano só existe porque tem consciência, é um “ser para si”, já que a consciência é auto reflexiva, pensa sobre si mesma, sendo capaz de pôr-se “fora de si”. Portanto, a consciência distingue o ser humano das coisas e dos animais, que são “em si”, isto é, os animais não são capazes de pôr-se “fora de si” para se analisarem. Descobrirá que não há essência ou qualquer modelo para o orientar e escolher suas decisões e que seu futuro se encontra disponível e aberto, portanto, “estamos condenados à liberdade”. Chegando a tal conclusão, Sartre faz a seguinte pergunta: “O que acontece ao indivíduo quando ele se percebe “para si”, ou seja, aberto à possibilidade de construir ele próprio a sua existência?”.

Ao experimentar a liberdade de escolha para seus caminhos, o ser humano vive a angústia diante de tantas possibilidades que se apresentarão a ele. Muitas pessoas não suportam esse sentimento e fogem dele, agindo de má-fé. Essa atitude, segundo o filósofo francês, é característica de quem finge fazê-lo, sem na verdade escolher, ou seja, o indivíduo

dissimula para si mesmo o fato de evitar fazer uma escolha pela qual se possa responsabilizar depois.

Podemos julgar um homem ao dizer que ele é de má-fé. Como definimos a situação do homem como uma escolha livre, sem desculpas e sem apoio, todo homem que se refugia atrás de desculpas de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo é um homem de má-fé. A má-fé é evidentemente uma mentira, pois ela dissimula a total liberdade do engajamento. (SARTRE *in* MARÇAL, 2009, p. 625).

Sartre diz que se pôr à tal tarefa torna-se “sujo”, pois despreza a dimensão do “para si” e torna-se “em si”, semelhante às coisas. O filósofo intitula esse comportamento como “espírito de seriedade”, que se reduz viver o conformismo e a respeitabilidade da tradição. Desta forma, a crítica feita à teoria existencialista sobre o caráter subjetivo da moral não tem fundamento, uma vez que a ação humana deve primar pela qualidade universal e visar a noção de humanidade. Não é possível pensar uma ação ética em Sartre que não seja responsável, uma vez que ao escolher, o homem não cria a própria natureza, mas a humanidade que gostaria de ter. Se o homem reconhecer que, em seu desamparo, é ele que estabelece valores, ele não poderá querer senão outra coisa, a liberdade como fundamento de todos os valores. O conteúdo é sempre concreto e, por consequência, imprevisível. Sempre há invenção. A única coisa que conta é saber se a invenção que se faz, se faz em nome da liberdade. Assim, é de suma importância entendermos que, ao escolhermos determinados valores, estamos pressupondo os mesmos como ideias para toda a humanidade, uma vez que não os escolhemos apenas para nós mesmos, mas para toda a humanidade. A característica principal da filosofia de Sartre é a liberdade incondicional do ser humano, sendo o indivíduo totalmente responsável pelo que decide fazer, não existindo acaso.

O envolvimento com a política de seu tempo refletirá na discussão da moral do sujeito, em que o conteúdo da moral é sempre concreto e, conseqüentemente, imprevisível; há sempre invenção; a única coisa que conta é saber se o homem realizou a ação com base na liberdade decorrente da escolha.

O homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si mesmo que ele faz existir o homem; e de outro lado, é buscando alvos transcendentais que ele pode existir; sendo o homem esta superação e apreendendo os objetos apenas em relação a ela, ele está no coração, no centro dessa superação. Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana. Humanismo porque nós lembramos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele mesmo, e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque nós

mostramos que não é voltando-se para si mesmo, mas sempre procurando um alvo fora dele – que é determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como humano. (SARTRE *in* MARÇAL, 2009, p. 639).

3.1 O CONCEITO DE ENGAJAMENTO EM SARTRE

Há uma percepção geral de que é cada vez menor o interesse dos jovens pela escola. A incompatibilidade entre a crescente atração que os acelerados avanços tecnológicos do mundo contemporâneo exercem nos jovens e a tradicional estrutura da escola acentuam discussões sobre, entre outras, a questão das práticas de ensino. A pergunta que está por trás dessa preocupação é a de como competir com todas as seduções do “mundo lá fora” na hora de ensinar.

Essa preocupação se torna ainda mais acentuada em se tratando da disciplina de Filosofia, uma vez que existem certos preconceitos e ideias pré-concebidas em relação a este tipo de saber, uma vez que há uma desconfiança de sua importância por parte dos jovens, a sua peculiaridade de ser um estudo bastante abstrato e dissertativo e a imagem e o preconceito de que a Filosofia é inútil, uma vez que o mundo contemporâneo exige uma série de referenciais objetivos quanto à utilidade de determinada disciplina. Em outras palavras, somente é útil aquilo que traz resultados práticos imediatos e funcionais, assim como a medicina e engenharia.

Porém, antes de iniciarmos a apresentação de uma proposta de aplicação do devido conteúdo proposto em sala de aula, faz-se necessário a observação de elementos essenciais à aplicação da Filosofia no ambiente escolar, necessariamente o Ensino Médio, tema que nos propusemos a explicitar.

A primeira etapa do ensino da Filosofia exige a capacidade docente de problematização, uma vez que é necessário a aproximação das questões a serem tratadas como a própria vida do aluno, com a realidade. O projeto educacional envolvendo a Filosofia estaria fadado ao fracasso uma vez que a disciplina fosse concebida como uma mera repetição de conceitos estéreis e sem ligação com a realidade emergente, dado que não despertaria o interesse e a vontade pelo saber, elementos importantíssimos na relação ensino-aprendizagem. Certamente, se conseguirmos logo de começo mostrar aos alunos que a Filosofia trata de

questões humanas mais fundamentais e que estas são exatamente aquelas com as quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre do cotidiano, isto aumentará seu interesse. É necessário, desta forma, a utilização de recursos familiares ao universo dos alunos para aproximar a filosofia de suas vidas, para que saibam que o estudo da filosofia está intimamente ligado ao tratamento dos problemas humanos.

É necessário que percebam que os grandes problemas da história da filosofia continuam sendo nossos problemas e que estes mesmos problemas também são tratados pela arte, à sua maneira, e que continuam sendo vividos cotidianamente podendo ser reconhecidos em reportagens, por exemplo. (REALE *in* ANTISERI, 1990, p. 77).

É necessário pensarmos uma forma lúdica e descontraída para trabalharmos o material de filosofia. Ainda não é o momento de exigirmos qualquer rigor; neste momento, ainda não importa se tudo o que os alunos conseguirem seja mero senso comum ou até mesmo preconceitos, o objetivo é que eles se envolvam com a questão, que queiram investigá-la depois.

Iniciando a aplicação do conteúdo sobre o uso da literatura para a explicação do conceito de engajamento em Sartre, poderíamos abordá-lo de modo a explicitarmos o conceito de engajamento em Sartre e a liberdade como uma fatalidade da existência. Mas não é esta a nossa opção, uma vez que iria contra toda a fundamentação tratada aqui anteriormente.

A abordagem docente teria início no 3º Ano do Ensino Médio, com a divisão dos alunos em pequenos grupos, constituído por três membros, e lhes seria entregue em mãos algumas figuras e frases, selecionadas anteriormente, que teriam como objetivo suscitar perguntas e questões referentes ao conceito de liberdade e engajamento, tais como: “Aquilo que nos torna quem somos pode ser perdido e nos deixar em desespero.”; “Um atleta que sofre um acidente e fica incapacitado de competir certamente entraria em desespero.”; “Somos livres, escolhemos, temos a angústia de escolher e o desespero de perder tudo. Mas, também estamos desamparados, isto é, não temos muletas, desculpas ou a quem culpar por nossas escolhas.”; “Não há desculpas e justificativas para nossas ações. O que somos ou o que fazemos não é produto de nossa infância, de nossa criação, do destino ou da divindade. Estamos sozinhos, lançados no mundo, para nos inventar, pois não há nada anterior à nossa existência para definir o que somos.”. A partir das representações e das frases em questão, seria preciso direcionar o olhar dos alunos e ser um propositos introduzindo questões que os

façam pensar na relação deste tema como a realidade vida, tais como: “O que é a liberdade?”; “É possível ser livre sem que as nossas escolhas sejam vistas como um fardo do qual não podemos nos livrar?”; “Podemos justificar nossas escolhas colocando a culpa pelos nossos erros nos outros nos outros?”; “Somos livres e responsáveis por nossas escolhas ou podemos culpar o nosso contexto histórico por aquilo que criamos de nós mesmos?”. “Sou realmente responsável por aquilo que construí de mim mesmo?”. Seria preciso que os alunos debatessem os temas propostos nos grupos e relatassem em seus cadernos as ideias mais pontuais, uma vez, que posteriormente, trocaríamos membros dos grupos para apresentarem sua opinião frente às conclusões impostas e resultantes da primeira intervenção.

O objetivo seria fazer uma aproximação entre as mesmas questões que incomodam esses pensadores e os nossos alunos, tornando deles estas preocupações, aí teríamos maior chance de sucesso no curso já que haveria sentido para os jovens na sua dedicação a este estudo. Em outras palavras, estaríamos criando situações para os alunos reviverem as inquietações e refazerem as questões filosóficas. Devemos esclarecer que não há um certo ou um errado, uma vez que este é um momento de abalar as estruturas de nossas opiniões, de nos abirmos para duvidar do óbvio para podermos nos preparar para formular as questões que irão balizar nossas investigações filosóficas.

Assim, dando continuidade à abordagem ao tema, seria necessário um segundo momento para a realização de uma tempestade de ideias em sala de aula, para que as frases e as figuras sobre a conduta e as ações humanas sejam apresentadas e os problemas reais que foram surgindo ao longo do processo, sejam avaliados. Os alunos que estavam originalmente nos grupos específicos poderiam, em um círculo constituído pelo professor, apresentar suas problematizações ou provocações que foram resultados deste primeiro momento em sala de aula. Palavras ou frases que surgiram como resultado das provocações devem ser inseridas no quadro e deve-se trazer à frente da sala os alunos que estavam em grupos diferentes e que foram introduzidos em um segundo momento para avaliação da discussão dos temas propostos.

Resumidamente, todo processo seria assim: em primeiro lugar, criaríamos uma situação de aproximação dos problemas filosóficos a serem estudados com o universo dos alunos através dos recursos visuais e pequenas frases preparadas anteriormente; depois partimos propriamente para a elaboração desses problemas, que se dá pela provocação das

questões, componentes dos problemas; depois o estudo propriamente dito, que se faz por meio de leitura de textos filosóficos e textos de literatura, dado nosso autor em questão.

Dando continuidade ao que foi proposto desde o início, é preciso neste novo momento introduzir algumas ideias que façam o aluno imergir exatamente no contexto do autor em questão, por meio de aula audiovisual e expositiva. Seria necessário destacar que, na década de 40, declarar-se existencialista implicava em provocação, em escândalo. Um pouco como uma rebeldia, uma indisciplina. Não é, pois, sem razão que essa atitude foi adotada principalmente por pessoas jovens, quase que indicando com isso uma diferença de geração. O que popularizou Sartre foi, basicamente, sua obra literária, principalmente as peças de teatro, e não *O ser e o nada* nem quaisquer outros textos filosóficos por ele publicados até então. Sartre torna-se o “guru” do existencialismo, conforme citado por autores referenciais, a partir de setembro e outubro de 1945, quando acabara de completar 40 anos.

Em 1937, na mesma revista em que divulgara alguns de seus artigos literários, Sartre publica o conto *O Muro*. E, em 1938, publica o romance *A náusea*, bem-recebido pela crítica e que chegou a fazer algum sucesso, embora não tenha se tornado um best-seller. Ainda em 1938 saem outros contos, reunidos depois (em 1939) em um só volume sob o título *O Muro*. Em 1940, recebe um prêmio literário por esta obra. Em 1943, escreve *As Moscas*, sua primeira peça de teatro, encenado em junho do mesmo ano. A peça tem um conteúdo político imediato (a invasão alemã), ainda que ela não se resume a isso. Sob a ocupação nazista, aqueles que colaboravam com os alemães atentaram para esse conteúdo e fizeram campanhas na imprensa para que a peça saísse de cartaz. Em maio de 1944, outra peça entra em cartaz, *Huis clos* (que significa, mais ou menos “portas fechadas”, “sem saída”. Em março de 1945, publica o romance *A idade da razão*, primeiro tomo de sua trilogia *Os caminhos da liberdade*; no mesmo ano, em setembro, sai o segundo tomo, *Sursis*; o terceiro, *Com a morte na alma*, é publicado apenas em 1949. A trilogia tem por tema a liberdade. Em outubro, já em Paris, lança, o primeiro número de *Les Temps Modernes*, revista de cultura. A revista divulgava a ideia da “literatura engajada”, largamente debatida a partir de então, na qual se chama a atenção para a responsabilidade do escritor e se expunha a literatura como afirmação da liberdade humana. Desta forma, partiríamos para o estudo propriamente dito e para a aproximação da filosofia com a literatura, sempre mantendo como matriz pedagógica o conceito de liberdade e engajamento político em Sartre. Seria preciso propor a leitura do romance *A Idade da razão*. O livro *Sartre: Existencialismo e Liberdade*, de 1995, narra que o romance *A Idade da Razão*, publicado por Jean-Paul Sartre em 1946, é uma obra de cunho filosófico-existencialista que trata da problemática da liberdade, da consciência e da moralidade na constituição do homem através da história de Mathieu Delarue, um professor de filosofia que, por defender a ideia de uma liberdade individual irrestrita, despreza qualquer tipo de compromisso. A narrativa se passa em Paris, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e tem como foco o relacionamento entre Mathieu e sua companheira Marcelle. Com este ensaio, faremos uma articulação entre a problemática do ser e uma análise crítica do romance, abordando conceitos da ontologia fenomenológica e da filosofia existencialista propostas por Sartre, partindo da primeira indagação contida no título desta reflexão – “Que é o homem?” – para que, a partir de então, possamos responder a segunda – “Que é a moral?”. O livro apresenta aos leitores alguns dias da vida de Mathieu, no período em que o

personagem recebe a notícia de que sua namorada Marcelle está grávida. Não querendo ser pai por acreditar que ser livre consiste em não se comprometer com nada, ele passa a buscar alternativas para a resolução do problema, uma vez que a paternidade implicaria em assumir a sua companheira e ter responsabilidades diante do filho. Tal concepção de liberdade exerce forte influência em sua vida cotidiana, uma vez que ele não assume sua namorada, resiste ao fato de ser pai, possui poucos amigos e não se engaja em movimentos políticos e sociais, dentre outras condutas da mesma natureza. Desse modo, a narrativa desenvolve-se de tal maneira que a sua ideia de liberdade defronta-se constantemente com o que a liberdade é na sua realidade, realidade esta que, no romance, reflete o conceito de liberdade proposto por Sartre ao longo de sua vasta obra filosófica. (MOUTINHO, 1995, p.17).

Diante desta leitura, os alunos teriam uma experiência única frente a uma série de problemas reais que já poderiam ser “lidos” e “interpretados” à luz dos encaminhamentos propostos anteriormente. Desta forma seria possível um maior envolvimento e participação frente a um tema filosófico tão importante, tal qual foi posto em questão nesta dissertação. Os alunos seriam levados a entender que, ao experimentar a liberdade de escolha para os seus caminhos, o ser humano vive a angústia diante de tantas possibilidades que se apresentarão a ele. Muitas pessoas não suportam esse sentimento e fogem dele, agindo de má-fé. Essa atitude, segundo o filósofo francês, é caracterizada de quem finge fazê-lo, ou seja, o indivíduo dissimula para si mesmo o fato de evitar fazer uma escolha pela qual possa se responsabilizar depois. Assim, os alunos seriam levados a perceber os conceitos e as noções existencialistas de Sartre na vida real, em situações reais do dia-a-dia, de modo que todo conhecimento exposto necessariamente seria contextualizado e necessário ao seu rendimento escolar e aproveitamento de estudos.

Para finalizar o processo, seria de extrema importância a reconstrução conceitual do conteúdo aplicado em sala de aula com a elaboração de um teatro expositivo, trazendo para o cenário escolar os principais conceitos e problemas abordados anteriormente. O teatro seria realizado em grupos de aproximadamente cinco alunos e teria como eixo principal uma obra literária que serviu como eixo para as discussões e análises sobre Jean-Paul Sartre. Os alunos teriam como tarefa a realização de uma narrativa teatral e a exposição desta em sala de aula utilizando figurino e músicas como plano de fundo, de acordo com o gosto pessoal e a história em questão. Seria preciso uma aula para a elaboração do roteiro e criação do material para apresentação, uma aula para ensaio e a apresentação propriamente dita. Ao final de cada apresentação, a equipe em questão teria como finalidade a explicação dos principais conceitos vistos e apresentados no teatro, finalizando com a reconstrução conceitual e exposição destes elementos importantes para a classe.

o teatro passa a ser uma ferramenta de transformação social e política e não um mero “motivador”, transforma-se em uma ação concreta, exigindo que os espectadores façam parte da atuação e simulem nela a libertação de suas mentes e corpos, escravizados pela anestesia política e suas anomalias sociais provocadas pela exploração no trabalho e opressão do sistema vigente. Sendo assim, os alunos observam o contexto em que vivem e conseguem ter uma análise crítica disso, o que proporciona debates sobre temas sociais dentro do seu cotidiano. As atividades realizadas consistiram inicialmente em praticar exercícios de expressão corporal e facial, jogos e exercícios cênicos, pesquisa e investigação teatral e exercícios de percepção motora e sensorial (memória física e mental), dando assim uma breve introdução à essa linguagem e trazendo o entendimento dela. (FONSECA, 2015, não paginado).

4. O ENSINO DA FILOSOFIA EM JEAN-PAUL SARTRE NO ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

O mundo atual possui uma demanda crescente por reflexões que favoreçam a mudança de mentalidade e o ideal de autonomia dos indivíduos. Assim, todo conhecimento que favoreça a construção de um caminho que ajude a pessoa a pensar criticamente, criando uma estrutura cognitivo-reflexiva que lhe permita compreender a realidade em sua complexidade, aguçando-lhe o juízo, a habilidade analítica, o horizonte de compreensão e de construção de sentido ante os desafios da sociedade e do mundo contemporâneo, deve ser elevada ao *status* de privilegiada e importante para o cenário atual. Exatamente deste ponto iniciaremos a discussão e os desdobramentos sobre a finalidade do conteúdo em questão presente na monografia para a mudança da realidade, seja ela a nível escolar ou social.

Desde os primórdios da filosofia o homem vem tentando responder a questões que giram em torno de sua existência. Questões estas que dizem respeito aos desdobramentos da natureza do mundo e dos homens e sobre a condição do homem como um ser que existe e se consolida como um ser diferenciado e único. Deste modo, a preocupação com a ação humana tem se apresentado como uma das mais importantes matrizes curriculares para a formulação da filosofia ao longo dos séculos.

As respostas filosóficas para as questões éticas variam no tempo e no espaço, e ainda apresentam uma característica fundamental que envolve a posição dos indivíduos em relação ao valor e às virtudes que são defendidos em seu meio cultural. Com isso, os filósofos investigam o que leva diferentes grupos sociais a se enfatizarem sobre questões e valores semelhantes, sem ignorar que os significados atribuídos a eles nem sempre são os mesmos. Há filósofos que concebem o homem como um ser dotado de um senso moral inato, ou seja, da capacidade natural para avaliar como as coisas e como elas deveriam ser. Alguns acreditam que as diversas tendências culturais e individuais atuam sempre sobre a capacidade comum entre os seres humanos e são determinantes da formação do caráter e da personalidade. E há filósofos que afirmam a existência da liberdade, ressaltando sempre que, apesar da pressão de costumes e leis, nós sempre podemos refletir sobre as questões éticas e sobre a moral aprendida, e que, segundo eles, há uma possibilidade que nos faz responsáveis por nossas próprias escolhas e que nos permite contribuir para a renovação com as normas com que nos deparamos no dia a dia. Nos tempos áureos da filosofia grega, a justiça e todas as demais virtudes éticas eram políticas e sociais, o que denota uma certa inseparabilidade entre a ética e política, ou seja, relaciona-se a conduta do indivíduo e os valores da sociedade. No pensamento dos antigos filósofos, a existência humana só pode ser pensada em sociedade onde os seres humanos aspiram ao bem e a felicidade, que só pode ser alcançada pela conduta

virtuosa. Além disso, existe uma preocupação constante com a busca dos valores morais inscritos no interior do próprio homem, como acreditava Sócrates. Dessa forma – para ser ético – o homem deveria entrar em contato com a sua própria essência, a fim de alcançar a perfeição. O homem, como qualquer ser, busca a sua perfeição, que acontecerá quando sua essência estiver plenamente realizada. E como afirma Mondin, “A ética ou moral... é o estudo da atividade humana com relação a seu fim último que é a realização plena da humanidade”. (ASPIS; GALLO, 2009, p. 89).

Deste modo, faz-se de suma importância retratarmos aqui a grande preocupação com a proposta de ilustrarmos uma ética engajada e preocupada com as questões políticas que cercam o nosso tempo. Porém, para que isso seja feito, é de suma importância a preocupação em ilustrarmos os fatos que nos levam a uma proposta pedagógica que nos permita atingirmos os fins propostos.

5. A LITERATURA EM SARTRE E SUAS POSSIBILIDADES

É inegável que, em um primeiro momento, a preocupação diante da implantação dos temas de filosofia seja realizada de modo a promover a contextualização e a aproximação destes temas com a vida dos alunos. Ninguém vende aquilo que não compra. Assim é de suma importância a preocupação quanto à forma como os temas serão abordados de modo que os alunos encontrem no mundo real e em suas vidas uma referência concreta quanto àquilo que estão estudando ou temas que lhes são apresentados. Desta forma, a primeira etapa da introdução do tema proposta em capítulo anterior tem como objetivo esta aproximação com a realidade e com o cotidiano dos alunos, uma vez que os problemas apresentados ou apontados pelos mesmos continuam sendo os mesmos problemas que os filósofos trataram a anos atrás. Esta fase é denominada sensibilização, uma vez que tem por objetivo o despertar dos alunos para problemas e realidades que nunca haviam percebido anteriormente. É necessário a instauração de um estado de querer saber, descobrir e inventar. Se não há um problema, não há motivos para nos pormos a buscar.

A etapa “sensibilização” é o comprometimento afetivo com o tema a ser trabalhado, que será transformado em um problema. É o momento em que os estudantes assimilam o problema e tomam esse problema como seu. Nessa etapa é pertinente utilizar elementos didáticos não filosóficos, como filmes, pinturas, esquemas, desenhos, gráficos, músicas, poemas, etc, que sejam do universo cultural dos estudantes. (ASPIS; GALLO, 2009, p. 77).

Diante desta primeira etapa, os alunos terão a capacidade de apresentarem definições corriqueiras e baseadas no senso comum, postuladas no dia-a-dia e em suas existências no mundo contemporâneo. É um momento lúdico e privilegiado que aproxima o aluno da realidade vivida e da preocupação dos filósofos em questão.

Todavia, é necessário posteriormente uma nova fase que se preocupa em fundamentar em problematizar o tema proposto para que seja possível a delimitação do tema e suas fronteiras como um problema filosófico. Deste modo, se fez necessário, conforme retratado posteriormente, a criação de perguntas e questionamentos que levem o discente a questionar a sua existência e a realidade que o circunda. Não seria somente uma mera exposição de problemas sem referencial, uma vez que se tornaria um monólogo e que

colocaria todo o processo ensino aprendizagem em risco. Como retratamos anteriormente, a sensibilização gera uma tentativa de problematização, uma vez que suscita uma série de questionamentos importantes e problemas que giram em torno da temática em questão. Seria muito fácil para o professor em questão apresentar somente o tema de forma expositiva, apresentando os conceitos sem nenhum tipo de critério aos alunos. Porém, desta forma, o processo seria colocado em risco, uma vez que a relação dos discentes com aquele tema seria colocada em xeque, dado não haver a sensibilização, que gera um sentimento de curiosidade e anseio pelo saber.

Uma vez que a problematização está instaurada, seria preciso recortes conceituais e a fundamentação e transformação dos temas propriamente emergentes do senso comum em temas filosóficos e abordagens filosóficas. Deste modo, percebemos a necessidade, diante desta monografia, na aproximação do discente com as obras literárias de Jean-Paul Sartre, uma vez que a ludicidade e a facilidade da escrita dos textos em questão propiciaria a apreensão de conceitos filosóficos precisos e necessários. Não se trata somente de uma mera exposição de conceitos, mas um sentimento de curiosidade e preocupação com algo novo que abrange todas as esferas da existência e de temas que abordam a conduta humana.

Seria muito fácil, porém perigoso ao professor, uma mera reprodução de conceitos esmagados e prontos para que fossem absorvidos e reproduzidos por seus alunos. Porém, a proposta aqui apresentada vai na contramão desta concepção. Exige do aluno uma atitude e um engajamento frente ao processo de ensino-aprendizagem. Não seria possível ao aluno uma educação universalizante que supunha somente uma mera reprodução de conceitos.

Porém é de suma importância pontuarmos aqui a acuidade da reformulação conceitual, uma vez que todo o processo supõe a apropriação e a reformulação crítica de conceitos e definições. Diante desta proposta, é de suma importância pensarmos a formulação de uma atividade pedagógica, neste caso o teatro, para que seja possível percebermos a evolução das consciências. Não se trata de uma mera reprodução de conceitos de Jean-Paul Sartre, mas de uma análise crítica diante da existência e da possibilidade de entendermos a mesma diante das formulações do autor em questão. Neste sentido, como devemos avaliar nossos alunos em relação à temática e ao trabalho proposto?

A prática da avaliação, que poderia ser uma prática geradora de construção de relações dialógicas, muitas vezes, passa a ser colaboradora do estabelecimento de relações hierarquizadas e pautadas em antagonismos, uma prática de controle, submissa à ordem geral.

A atividade proposta nesta monografia supõe uma avaliação completamente diferente desta, citada anteriormente. Se entendermos a construção do conhecimento como investigação, podendo ter uma faceta coletiva, onde haja colaboração de cada participante, e se adequarmos a avaliação neste universo, ela, necessariamente, terá de deixar de ser classificatória e autoritária para tornar-se investigadora e democrática. Se tornará emancipatória, passando de um julgamento sobre a aprendizagem para revelação de possibilidades, necessidades e avanços de cada aluno.

Dado o exposto anteriormente, é de suma importância o entendimento de que o processo descrito nas páginas anteriores, quanto ao ensino do tema em questão, visa a retirada do aluno do seu terreno comum e de sua zona de conforto. Como recurso, tem-se a introdução de figuras e imagens que sensibilizem o mesmo em relação a temas que fazem parte de seu dia-a-dia, e a problematização de sua existência por meio de provocações que o levam a criar certa autonomia e consciência crítica. A fundamentação dos temas e problemas filosóficos por meio da literatura de Sartre e textos filosóficos indispensáveis para uma excelente reconstrução conceitual e esta como resultado de um processo lúdico, provocativo e contextualizador que reivindica seu espaço comum nesta disciplina fantástica. Assim,

Nessa relação entre escritor e leitor, este deve evitar uma condição de alienação, de passividade no ato de ler (ainda que possa, livre que é, aceitar tal passividade), pois a leitura não se resume, como vimos, na recepção indiferente de conteúdos previamente elaborados. Importa, para Sartre, que o leitor, a partir de sua liberdade, não apenas se posicione quanto às questões que lhe digam respeito, pois importa, sobretudo, a necessidade de se posicionar — o que, vale dizer, se coloca como um imperativo ético atual, visto que a convivência mantém a cumplicidade com o status quo. Desse modo, compreender a existência humana por meio do texto literário não seria mera assimilação de um dado, mas o comprometimento com uma tarefa a ser feita, não apenas contemplada. O leitor é, portanto, assumido como contraparte fundamental da criação literária: “o artista deve confiar a outrem a necessidade de concluir o que começou, pois é somente por meio da consciência do leitor que pode se apreender como essencial à sua [do artista] obra”¹⁰ (SARTRE, 1948, p. 53). É pela solicitação fundamental da liberdade do leitor que este é capaz de “passar para a existência objetiva o desvendamento [empreendido pelo escritor] por meio da linguagem”¹¹ (SARTRE, 1948, p. 53), tornando-se colaborador na produção da obra. (ABRAHÃO, 2013).

De acordo com os ensaios de teoria e crítica literária do autor, os escritores, enquanto homens livres a recusarem um determinismo que priva o ser humano de suas próprias iniciativas e responsabilidades, não mais poderiam se colocar distantes, ou fora, da história. No contexto do século XX, Sartre considerou a literatura como tomada de consciência de uma

conjuntura alienante e conformista, um meio pelo qual o escritor recorreria à liberdade do leitor para fazer deste um ser consciente de sua situação existencial, possibilitando-lhe compreendê-la e mesmo mudá-la; daí que escrever é agir. Em relação com a liberdade, e a negar a perspectiva kantiana de “prazer sem interesse”, o engajamento, enquanto ação afirmativa da responsabilidade humana no mundo, faz com que a literatura não seja contemplação desinteressada, mas comprometimento ético, instrumento de conscientização histórico-social, pois ao escritor caberia não apenas testemunhar, mas, também, contribuir com mudanças a partir da ação que se segue ao reconhecimento e à compreensão da realidade pela literatura.

Desta forma, torna-se inegável a necessidade da introdução de temas filosóficos e da própria filosofia levando-se em consideração o contexto e as perguntas que lancem o aluno diante de sua existência e de seus problemas, de modo que seja possível para ele o reconhecimento filosófico em questões que a filosofia aborda a muito tempo, ao seu modo e com seus autores em questão.

6. CONCLUSÃO

Com base nesta monografia, percebemos que o ensino da Filosofia sempre foi acompanhado por uma série de questionamentos nos mais diversos segmentos, dado a sua diversidade de formas e modos que envolvem as abordagens filosóficas. Deste modo, o ensino da Filosofia pode ser feito de maneira temática, crítica ou histórica. A esses processos de construção didáticos chamamos de encaminhamentos metodológicos ou abordagens didáticas. A didática pode ser comparada ao trabalho dos roteiristas e dos montadores; trata-se do conjunto de decisões – estratégicas, técnicas, metodológicas – que tomamos, as alternativas que consideramos relevantes num caso particular de ensino-aprendizagem, no contexto de um determinado campo conceitual. A didática tem um lado ciência, pois implica o contato com a psicologia, e tem um lado técnica, pois em parte ela é um instrumento. Mas seu coração está do lado da arte, pois implica o domínio de regras aplicadas em casos particulares. A didática deve ser entendida também como uma práxis, pois trata-se de uma ação humana que se dirige ao outro visando-o em sua autonomia. Os temas da filosofia, como se sabe, muitas vezes podem ser percebidos no cotidiano; mas isso não é a regra ou o ponto de partida de uma atividade didática; usualmente o que ocorre é o oposto; a vida cotidiana é levada por nós em certa desatenção quanto a esses temas fundamentais, quase sempre despercebidos; assim, precisamos elaborar metodologias que valorizem de forma adequada o cotidiano do aluno. Este cotidiano inclui o mundo vivido, mais amplo (mundo social e cultural), e o mundo das vivências e aprendizagens escolares. A aula de Filosofia, ao tratar de seus problemas fundamentais, essencialmente inacabáveis, deve fazer com que o aluno aproprie-se dos instrumentos conceituais que enriquecem a compreensão do problema e a levam a um patamar mais complexo. Esse é um dos objetivos de uma didática da filosofia. Torna-se claro aqui que o professor de Filosofia tem autonomia para fazer a seleção de atividades, textos, conteúdos etc. A liberdade de escolha, no entanto, deve ser exercida junto com a apresentação de critérios que mostram que o trabalho formacional é presidido por algo mais do que boa vontade e gosto. Deste modo, a discussão didática deve ser vista como um instrumento que deve servir como diretriz para a ação do professor em sala de aula e para a formação de

professores de Filosofia, uma vez que a prática docente precisa de um instrumento norteador para que a relação ensino aprendizagem tenha efetividade.

Assim, é interessante notarmos que há uma distinção bem clara feita nesta monografia entre o filósofo e o professor de Filosofia. A Filosofia se caracteriza por um sistema de enunciados e práticas que se consolidam pelo uso do método filosófico e pelo uso da racionalidade como um instrumento que norteia a capacidade de aprimoramento humano. Neste sentido, seria lógico dizer que o filósofo possui um ramo de atuação bem específico sendo a disciplina dotada de uma especificidade inerente a sua própria essência. Contudo, o professor de Filosofia não deve ser apenas um mero repetidor e reproduzidor de ideias filosóficas e sistemas autônomos, mas um construtor de conhecimento com ideais próprios de leitura e releitura e interpretação da realidade. Neste sentido, o professor não seria apenas um sujeito passivo frente a disciplina de Filosofia, mas um agente de transformação marcado por ideais de autonomia e liberdade. Assim, sendo um propositor, tanto o professor como o aluno, necessitam de um engajamento frente aos conteúdos filosóficos trabalhados em sala de aula, uma vez que este processo pretende ser transcendente no sentido de transformar a realidade do discente, de modo que este tenha condições de emergir em um mundo que lhe possibilite autonomia e entendimento amplo do tema, além de um sujeito transformador e consciente diante da realidade que o circunda.

7. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Thiago Henrique de Camargo. **Liberdade e engajamento na teoria Literária de Jean-Paul Sartre.** Uberlândia, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_180.pdf>.

Acesso em: 30 de maio de 2018.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores** São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. **Filosofia No Ensino Médio V.6.** Petrópolis: Vozes, 2000.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio.** São Paulo: Cortez, 2009.

MARÇAL, Jairo (org.). **Antologia de Textos Filosóficos.** Curitiba: SEED – Pr., 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

MEDEIROS, Alexsandro M.; PANTOJA, Luana de Vasconcelos. **Em torno da literatura engajada: Sartre e o debate estético (Resenha).** 2015. Disponível em: <<https://www.sabedoripolitica.com.br/products/em-torno-da-literatura-engajada-sartre-e-o-debate-estetico-resenha/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MOUTINHO, Luiz Damon S. **Sartre: Existencialismo e Liberdade.** São Paulo. Editora Moderna, 1995. (Série Logos).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica - Filosofia**. Curitiba: SEED - Pr, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

REALE, Giovanni; Antiseri, Dario. **História da Filosofia**, vol II. São Paulo: Paulus, 1990.

SÁTIRO, Angélica; WUENSCH, Ana M. **Pensando Melhor - Iniciação ao Filosofar**. São Paulo: Saraiva, 1997.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

WONSOVICZ, Silvio. **Programa Educar para o pensar: Filosofia com crianças, adolescentes e jovens**. 3º volume. Florianópolis: Sophos, 2005.